

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”**  
**DEPARTAMENTO DE FITOPATOLOGIA E NEMATOLOGIA**



**LFN1624 - Doenças das Grandes Culturas**  
**Atividade extraclasse 01**

Discentes: Douglas Mardegan Colodete  
Heloisa Defant  
Osvaldo Matsuda  
Thiago David de Oliveira

Docente: Prof. Dr. José Belasque Júnior

**Piracicaba**  
**2020**

O presente trabalho, referente à disciplina de Doenças das Grandes Culturas, tem por objetivo descrever o manejo adotado em uma propriedade de café (*Coffea arabica*) na região de Franca, interior de São Paulo. O sítio Santa Juliana, administrado por Luís Fernando de Oliveira (contato: 16 99250-8882) e objeto de estudo deste texto, apresenta produção em pequena escala da cultura citada anteriormente, sendo muito afetada em razão do ataque de doenças fúngicas, em especial a ferrugem-do-cafeeiro (*Hemileia vastatrix*). Assim, o texto descreverá quais foram as condições que resultaram em uma forte incidência da doença no início do ano agrícola de 2018/2019, bem como as medidas de manejo adotadas e as mudanças provocadas no sistema produtivo da propriedade.

A problemática com o fungo citado anteriormente, embora recorrente nas lavouras da propriedade, haja vista que as variedades empregadas são todas susceptíveis a tal patógeno, foi ainda mais observada no ano citado. As lavouras, em função da bienalidade da cultura do café, apresentavam uma grande produção esperada, fato que resultou em problemas maiores.

Esse cenário foi agravado pelo fato de que as chuvas nos primeiros meses do ano agrícola, isso é, entre agosto e dezembro de 2018, foram acima da média, favorecendo o aparecimento da ferrugem. Mesmo que se tenha observado essa mudança, o manejo da doença, no entanto, não foi alterado em relação aos anos anteriores, tendo sido mantida a primeira pulverização com o fungicida apenas em dezembro, o que possibilitou a infecção da doença e seu pleno estabelecimento já em novembro, quando se observou uma grande quantidade de folhas com sintomas já aparentes.

Observado o crescimento exponencial da doença, o produtor buscou algumas alternativas para o controle da mesma. Assim, foi feita uma pulverização com produto comercial Priori Xtra (Azoxistrobina 200 g/L + Ciproconazol 80g/L) no mês de dezembro, na dose de 400 ml ha<sup>-1</sup> para uma calda de 400 L ha<sup>-1</sup>. Essa aplicação, por mais que realizada com um produto de características curativas, obteve-se pouco sucesso, já que a infestação já era extremamente agressiva. Por essa razão, foi adotado ainda outra medida de controle, a desbrota de ramos ortotrópicos, considerados ladrões, no intuito de reduzir a umidade relativa do ar no interior da copa das plantas.

Essas medidas, combinadas com um clima extremamente seco no mês de janeiro, contribuíram para o controle da doença, ainda que ela já tivesse sido prejudicial, uma vez que causara desfolha na planta em nós com grãos, algo que prejudica imensamente o enchimento destes. Por outro lado, a infestação foi retomada com o reinício das chuvas em fevereiro, tendo sido feita apenas uma aplicação de Tenaz (Flutriafol 200 g/L) na dose de 500 ml ha<sup>-1</sup> nesse mesmo mês, aplicação que se provou insuficiente e que levou a uma desfolha ainda mais significativa ao fim da safra, levando ao depauperamento da lavoura e à necessidade de esqueletamento (poda dos ramos laterais).

Nesse cenário, o produtor partiu para uma estratégia de controle químico mais robusta na presente safra, visando evitar que casos como o descrito voltem a se repetir. Portanto, foram adotadas três pulverizações combinando Piori Xtra (Azoxistrobina 200 g/L + Ciproconazol 80g/L), na dose de 400 ml ha<sup>-1</sup>, e Alto 100 (Ciproconazol 100 g/L), na dose de 600 ml ha<sup>-1</sup>, nos meses de outubro, dezembro e fevereiro. Além disso, a aplicação de fungicidas no solo, como Verdadero (Tiametoxam 300 g/Kg + Ciproconazol 300 g/Kg), na dose de 1 Kg ha<sup>-1</sup> para uma calda de 250 L ha<sup>-1</sup>.

A estratégia adotada, ainda que tenha apresentado controle efetivo nesta safra, apresenta alguns problemas. O mais significativo de todos é a limitada quantidade de mecanismos de ação distintos aplicados, fato que pode ser corrigido rotacionando os produtos já citados com alguns à base de cobre e mancozeb, muito empregado no controle preventivo da doença, em especial nas primeiras aplicações. Por outro lado, é fundamental o controle cultural da doença, como a desbrota, no período precedente ao de maior incidência da praga.

Além disso, a abordagem do controle via plantio de variedades resistentes não deve ser abandonado quando a renovação das lavouras for ser realizada. As variedades presentes na área (Mundo Novo LC, Catuaí Amarelo, Catuaí Vermelho e IPR 100) são todas susceptíveis à ferrugem, podendo ser substituídas por outras resistentes, como Arara, Obatã Amarelo e Vermelho, Catiguá, Acauã, dentre outras.